

**1968: O COMANDO DE CAÇA AOS COMUNISTAS NA IMPRENSA
NACIONAL**

Danielle Barreto Lima

Mestranda em Educação

Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade
Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

Email: daniblima@hotmail.com

Introdução

Este trabalho¹ tem como objetivo apresentar a história do Comando de Caça aos Comunistas (CCC) enquanto organização paramilitar formada principalmente por estudantes, durante o período da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), especialmente no ano de 1968, com base nos documentos produzidos pela imprensa nacional.

Antes de discorrer sobre a atuação do CCC, destaca-se que movimento estudantil que atuou durante a Ditadura Civil-Militar ainda é pouco considerado como objeto de estudo (BITTAR E BITTAR, 2014). Fico (2004) afirma em seu trabalho que entre 1971 e 2000 foram produzidas 214 (duzentas e catorze) teses e dissertações sobre a história da ditadura militar, sendo que, destas produções, somente oito se referiam ao movimento estudantil.

Quanto aos trabalhos que tratam da atuação do movimento estudantil que atuou na resistência à Ditadura Civil-Militar, destaca-se a pesquisa de Valle (1997) que analisa as formas de oposição do movimento estudantil do golpe até 1968 e a pesquisa de Müller (2010) que mostra a relevância do movimento estudantil a partir de 1969 até 1979, apesar do aumento da repressão.

Dos trabalhos que discutem a atuação do movimento estudantil durante a Ditadura Civil-Militar, a União Nacional dos Estudantes (UNE) é um tema recorrente. Conforme Sanfelice (2008), este é um recorte que privilegia a história do movimento estudantil de

¹ Este trabalho é um recorte da minha pesquisa de Mestrado em andamento sob a orientação da Professora Dra. Katya Mitsuko Zuquim Braghini (PUC/SP – PEPG-EHPS).

oposição à Ditadura Civil-Militar, deixando de lado uma enorme quantidade de jovens que não participava destes movimentos ou que se posicionava de forma contrária a eles e a favor do regime, no que o autor destaca que foram “tensas as relações com os Comandos de Caça aos Comunistas (CCC’s), por exemplo” (SANFELICE, 2008, p.71).

Ainda que este trabalho não tenha como objetivo apresentar um levantamento bibliográfico completo sobre o movimento estudantil, pode-se dizer que as pesquisas sobre os movimentos estudantis durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985) privilegiam a ideia de uma juventude que teria se mobilizado, em sua totalidade, contra a Ditadura Civil-Militar e que desconsidera o fato de que a juventude era múltipla e se manifestava de diversas formas, em uma perspectiva em que quase não se discute as ações e a pauta estudantil levantada, ou sua ausência, dos estudantes ditos como conservadores à época da Ditadura Civil-Militar, privilegiando-se um olhar sobre o movimento de resistência (AARÃO REIS, 2004).

No que se refere à juventude conservadora da época, Braghini (2010) apresenta a imagem que foi construída sobre a juventude nos anos de 1960 e 1970. A pesquisa mostrou que havia uma aversão à rebeldia e à mobilização dos estudantes que se opunham ao golpe e um movimento de idealização de uma juventude que fosse mais conveniente ao regime da época. Braghini e Cameski (2015) apresentam os atos da juventude estudantil de “direita”, a partir das ações praticados pelo movimento estudantil de “esquerda”. Já considerando uma organização específica dos estudantes, Mattos (2012) buscou mostrar como a Frente da Juventude Democrática atuou em relação aos estudantes de esquerda durante a greve por um terço, em 1962.

Assim, pode-se afirmar que alguns estudantes ditos “conservadores” ou “democráticos”² se organizaram em movimentos estudantis como a Frente da Juventude Democrática; outros optaram por fazer parte de organizações como o Comando de Caça

² Conforme nota de rodapé no artigo de Braghini e Cameski (2015) “O termo “estudantes democráticos” já tinha sido usado pela imprensa paulista em outras ocasiões. Para designar os estudantes que se manifestavam a favor da candidatura de João Pessoa à Presidência da República. (OESP, 07/09/1929, p. 7) Depois, para os jovens que marcharam contra o mercado negro e a carestia fazendo coro com a União Democrática Nacional (UDN). (OESP, 18/09/1946, p. 3) O termo também foi utilizado em contraposição aos estudantes “comunistas” na União Nacional dos Estudantes (UNE). (OESP, 10/08/1954, p. 15) Isso quer dizer que essa expressão circulava pela imprensa há tempos, sendo usada de acordo com as conveniências políticas. Desde a década de 1950, foi usado como sujeitos contrários às mobilizações comunistas.” (BRAGHINI E CAMESKI, 2015, p. 959)

aos Comunistas (CCC) conforme destacado por Braghini e Cameski (2015), no que se centra o foco deste trabalho.

Especialmente no que se refere às pesquisas sobre o CCC, Brasil (2010) se propôs a analisar e apresentar algumas atividades desse grupo, de 1968 a 1981, com base na imprensa e documentos oficiais do Brasil. Além disso, define o Comando de Caça aos Comunistas como “uma sigla terrorista de extrema-direita” (BRASIL, 2010, p. 19). Lopes (2007) realizou um trabalho de história oral com doze testemunhas da atuação do CCC, estabelecendo um diálogo com reportagens da época, atendo-se às memórias de alguns de seus participantes, especialmente no ano de 1968³.

Considerando, como dito, a quase ausência de pesquisas sobre os estudantes ditos como conservadores e, especialmente, sobre os estudantes que fizeram parte do CCC, pretende-se identificar e analisar a faceta estudantil do Comando de Caça aos Comunistas (CCC), que atuou como agente do anticomunismo no país, com base nos documentos produzidos pela imprensa da época, mais especificamente 152 (cento e cinquenta e duas) reportagens que mencionavam o CCC, veiculadas no ano de 1968, localizadas em diferentes jornais do país, sendo que uma das bases de dados utilizada foi o arquivo da Hemeroteca da Biblioteca Digital Nacional.

Para esta análise, é relevante entender a forte presença do anticomunismo durante o período que antecedeu e durante a Ditadura Civil-Militar. Neste contexto, destaca-se a tese de doutorado de Motta (2000), que tem como objetivo a análise do anticomunismo durante o período de 1917 a 1964, com ênfase para os momentos críticos de 1935/37 e 1961/64. Com relação à pesquisa de Motta (2000), vale destacar o que ele denomina de “indústria do anticomunismo”, ou seja, a exploração do “perigo vermelho” representado pelo comunismo (MOTTA, 2000, p. 202). Segundo o autor, essa “indústria” atuava, inclusive, de modo a justificar o autoritarismo presente na política nacional. Com relação

³ Há outros trabalhos que tratam indiretamente do CCC, tais como o livro de Flavio Deckes, *Radiografia do Terrorismo no Brasil*, 66/80 (1985) que apresenta as principais ações relacionadas a organizações como o Comando de Caça aos Comunistas. O segundo livro, de autoria de Maria Cecília Loschiavo dos Santos, *Maria Antônia: uma rua na contramão* (1988), traz textos de antigos alunos que vivenciaram o conflito ocorrido em outubro de 1968 e que envolveu o CCC. Além deles, no livro *O Fantasma da Revolução Brasileira* (1993), Marcelo Ridenti descreve brevemente a atuação do CCC contra a Faculdade de Filosofia da USP nos acontecimentos dos dias 2 e 3 de outubro. Por fim, o jornalista Percival de Souza relata a atuação do CCC na biografia que escreveu sobre o delegado Sérgio Paranhos Fleury, do DOPS, intitulada *Autópsia do Medo* (2000).

ao tema objeto deste trabalho, é imperioso notar o quanto a “indústria do anticomunismo” atuava, de certa forma, para legitimar os atos do CCC. Conforme mencionado pelo autor, uma das práticas perpetradas por essa “indústria” é enquadrar qualquer indivíduo com preferências políticas à esquerda (ou até mesmo aqueles que simplesmente não apoiavam o regime) como comunista, o que também legitimaria as práticas da organização. Especialmente com relação ao CCC, Motta (2000) destaca que a organização nasceu no “auge da mobilização anticomunista contra o Governo Goulart” (idem, p. 198) e que, após o golpe de Estado em 1964, teve importante papel na constante perseguição aos “inimigos”, ou seja, à esquerda e aos comunistas (idem, p. 344). Neste contexto, entende-se a ideia de “anticomunismo” como uma indústria de geração de um medo imaginário (MOTTA, 2000).

O CCC na imprensa nacional de 1968

No ano de 1968, a primeira notícia se referindo ao CCC data de 26 de junho, em que o grupo é mencionado em virtude de suas invasões nas faculdades, especialmente a tentativa de invasão na Faculdade de Filosofia da USP (JORNAL DO BRASIL (RJ), 26/06/1968, p. 10). Desta data até dezembro de 1968, foram 152 (cento e cinquenta e duas) reportagens sobre o CCC.

No dia 18 de julho de 1968, um dos maiores atos praticados pelo CCC: o ataque extremamente violento aos atores da peça *Roda Viva*, em que o Teatro Galpão, na cidade de São Paulo (SP), foi atacado e depredado por duas dezenas de integrantes do Comando de Caça aos Comunistas (CCC) (JORNAL DO BRASIL (RJ), 20/07/1968, p. 18).

Pensando em termos de recorte temporal, as notícias se concentram no mês de outubro de 1968, em que os ânimos se acirraram entre os estudantes e na resistência à Ditadura Civil-Militar, o que, supõe-se, acarretou uma repressão mais incisiva tanto do CCC sobre o movimento de esquerda, quanto do próprio regime contra a sociedade, substanciado na decretação do Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva.

O mês de outubro de 1968 começou com a notícia do conflito ocorrido nos dias 2 e 3 de outubro de 1968, entre os estudantes da Faculdade de Filosofia da Universidade de

São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, sediada em São Paulo, o que será retomado abaixo. Em 5 de outubro, noticiou-se um novo ataque ao meio artístico, repetindo-se em Porto Alegre o que havia ocorrido em São Paulo (SP) no mês de julho. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS (RS), 5/10/1968, p. 1). Dias depois, o CCC é apontado como suspeito de ter sequestrado a atriz Norma Benguel, fato noticiado por muitos jornais do país, tais como o Correio Braziliense, em 9 de outubro de 1968 (CORREIO BRAZILIENSE (DF), 9/10/1968, p.1). Em outubro de 1968 se noticiou, inclusive, uma carta aberta do grupo ao Governador Abreu Sodré, que também será mencionada abaixo.

Quando se analisa as reportagens pensando em recortes por temas, temos o seguinte quadro:

Assunto	Quantidade
ATENTADOS - MEIO ESTUDANTIL	35
INFORMAÇÕES SOBRE O CCC	33
ATENTADOS EM GERAL	31
ATENTADOS - MEIO ARTÍSTICO	27
BATALHA DA MARIA ANTÔNIA	16
DECLARAÇÃO DO CCC	5
RESISTÊNCIA AO CCC	5
Total	152

Procurou-se classificar as reportagens com base no principal tema discutido. As reportagens que foram classificadas como “Atentados em Geral” são aquelas em que são relatados atos do grupo que não tinham como objetivo as instituições de ensino ou o meio artístico, tais como assaltos a instituições financeiras, ataques à religiosos e à políticos. Foram excluídas, também, as reportagens que guardavam relação com o conflito entre os estudantes da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em outubro de 1968, que ficou conhecido mais tarde como “Batalha da Maria Antônia”. Tal divisão mostra que, quando se olha especificamente para as notícias sobre os atentados praticados pelo grupo, mais da metade tinha como objetivo atacar às instituições de ensino e as artes em geral.

Pode-se dizer também que o CCC tinha como meio de atuação a violência e a repressão, já que todas as formas de manifestação do grupo, exceto pelo envio de uma carta aberta ao então Governador Abreu Sodré, tinham como formato a violência

exacerbada. Os atos do grupo se estendiam, ainda que o foco fosse a oposição à expressão do livre pensamento nas instituições de ensino e culturais, a todo e qualquer segmento da sociedade ou indivíduo que representasse uma ameaça ao regime. Era a indústria do perigo vermelho atuando como motor das práticas do grupo, legitimando ataques e garantindo a impunidade do grupo.

Os atentados praticados contra as instituições de ensino eram realizados em diversos Estados. Ainda que se possa dizer que a atuação do CCC, especialmente no ano de 1968, tenha se concentrado na cidade de São Paulo, houve atentados a outras cidades de diferentes Estados, tais como o ocorrido na Faculdade de Filosofia, em Maceió (JORNAL DO BRASIL (RJ), 22/10/1968, p. 7). Além disso, de acordo com O Jornal (RJ), de 24 de outubro de 1968, houve uma tentativa de incendiar a Universidade Federal de Pernambuco e o CCC foi apontado como suspeito (O JORNAL (RJ), 24/10/1968, p. 1).

Importante mencionar que não eram somente as universidades os alvos do grupo: o jornal Tribuna da Imprensa (RJ), em 10 de setembro de 1968, menciona o CCC em virtude de ameaças que o Colégio Brasília Machado, no bairro da Liberdade, na capital de São Paulo, vinha recebendo de que seriam colocadas bombas no colégio e a suspeita é de que as ameaças vinham do CCC, do MAC (Movimento Anticomunista) e do FAC (Frente Armada Anticomunista) (TRIBUNA DA IMPRENSA (RJ), 10/09/1968, p.8). No Paraná, os estudantes também sofriam ameaças dos integrantes do Comando de Caça aos Comunistas (DIÁRIO DA TARDE (PR), 08/11/1968, p. 6). No Rio de Janeiro, um estudante de engenharia da Universidade Federal Fluminense que, segundo outros estudantes, era membro do CCC, atropelou intencionalmente três estudantes da universidade durante manifestações feitas em virtude da greve por conta das violências policiais e a reforma universitária. (JORNAL DOS SPORTS (RJ), 25/10/1968, p. 11). Percebe-se, portanto, que os atos praticados pelo grupo, realizados com base na premissa de que estariam defendendo a sociedade da disseminação do comunismo, eram violentos e tinham como objetivo gerar terror.

Conforme mencionado acima, o CCC também é relacionado ao ocorrido entre os estudantes da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, sediada em São Paulo, capital, em 2 e 3 de outubro de 1968, a

“Batalha da Maria Antônia”. Ainda no dia 3 de outubro, o Jornal do Brasil (RJ) menciona que estudantes da Universidade Presbiteriana Mackenzie tiveram auxílio do Comando de Caça aos Comunistas (JORNAL DO BRASIL (RJ), 3/10/1968, p. 16). Este mesmo jornal, em 6 de outubro, ainda sobre a Batalha da Maria Antônia, menciona que o CCC teria sido criado em 1964, nas Faculdades de Direito da USP e da Mackenzie, com o objetivo de fazer frente à influência das ideias comunistas nos meios universitários. Destaca, ainda, o preparo militar dos membros que andam armados, pois "acreditam na necessidade de eliminação física dos principais líderes de esquerda do movimento estudantil" (JORNAL DO BRASIL (RJ), 6/10/1968, p. 5).

Os jornais também noticiavam dados e informações diversas do CCC, tais como a quantidade de membros e a utilização de armas. O Jornal do Commercio (RJ), em 10 de outubro de 1968, mencionava, entre outros pontos, uma denúncia do Senador Mário Martins, sobre as atividades em "larga escala" do CCC, em São Paulo e diversas capitais, "já com cinco mil integrantes só na capital paulista", "fortemente armados e empenhados em espalhar a intranquilidade" (JORNAL DO COMMERCIO (RJ), 10/10/1968, p.2). Além disso, a reportagem faz uma crítica à não-atuação da Polícia Federal nestas questões, o que se alinha à questão da impunidade que será melhor tratada abaixo.

Outro dado importante que foi possível obter é que alguns setores da sociedade, sobretudo os meios estudantis, se organizaram em resistência aos atentados do CCC. A resistência podia ser vista desde as ações dos movimentos estudantis que lutavam para manter as entidades estudantis na clandestinidade e evitar ataques, tal como mencionado pelo Jornal do Brasil (RJ) (15/10/1968, p.7), até o relatado pelo O Poti (RN), em 27 de outubro de 1968, que mencionava a contratação de vigias armados para proteger a Universidade Católica de Pernambuco contra os ataques do CCC (O POTI (RN), 27/10/1968, p.1).

No grupo de reportagens analisadas, foram localizadas também declarações emitidas pelo próprio CCC, em que seus membros, por carta ou por telefone, faziam acusações e ameaças a políticos. O Diário de Notícias (RJ) divulgou uma carta aberta que o CCC enviou para o então Governador Abreu Sodré, em que o CCC "define como dever de todo o brasileiro a organização para a luta contra os que pretendem impor o regime

implantado em Cuba, na Checoslováquia e muitos outros países". Destaque para o seguinte trecho:

Somos um órgão que congrega universitários brasileiros verdadeiramente democratas que, preocupados com a crescente agitação comunista em nosso País, vem tomando medidas em defesa do regime estremecido por uma minoria de extremistas e marginais cujo único objetivo é tumultuar, subverter e perturbar a paz do honesto e trabalhador povo brasileiro. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS (RJ), 19/10/1968, p.2).

O Jornal do Commercio (AM) ainda sobre a carta do CCC recebida pelo então Governador Abreu Sodré, destaca outros trechos do documento, em que o CCC menciona "que não é somente um grupo de universitários... é grupo de comando; formado por um grande grupo de patriotas que querem para o Brasil uma verdadeira democracia; pautada de nacionalismo de reformas sociais" e, que qualifica seus atos como "medidas de defesa do regime estremecido por uma minoria extremista" (JORNAL DO COMMERCIO (AM), 22/10/1968, p. 1).

Ambas as reportagens afirmam o dito acima, de que o Comando de Caça aos Comunistas era uma organização formada principalmente por estudantes e que tinha como um dos principais objetivos, nos idos de 1968, atacar as instituições e pessoas que, no entender do grupo, eram comunistas. Amparada na ideia de defender o regime do comunismo, a organização cometia atos de violência sobretudo contra instituições e estudantes. Utilizava o discurso nacionalista, uma das “matrizes ideológicas” que promoveram o anticomunismo brasileiro (MOTTA, 2000) ao afirmar constantemente seu nacionalismo. Clamava por reformas sociais, mas não explicitavam os pontos específicos de suas pautas e sequer quais reformas sociais que diziam defender.

Destaca-se na história um elemento sempre presente em relação a este grupo: a impunidade. Editoriais e reportagens apontavam a ausência ou lentidão nas investigações sobre o grupo.

A reportagem do Jornal do Brasil (RJ), de 8 de outubro de 1968, cujo título é “DOPS acha mais perigosa a desordem dos esquerdistas do que caça aos comunistas” exemplifica o mencionado acima. Na reportagem, o então delegado da Ordem Política do DOPS, Ítalo Ferrigno, se refere aos membros do CCC como “jovens democratas” que, mesmo que estejam armados e façam ameaças, estão defendendo as instituições em nome

da democracia Além disso, afirma que Raul Careca (Raul Nogueira de Lima), já agente do Serviço Nacional de Informações - SNI, atua no Comando de Caça aos Comunistas, mas que sua atuação era como estudante, e não como funcionário público e que ele estava "defendendo a democracia" (JORNAL DO BRASIL (RJ), 8/10/1968, p. 18). Destaca-se que estas declarações foram dadas dias depois do violento conflito que ficou conhecido como a "Batalha da Maria Antônia".

O então deputado David Lerer (MDB-SP), inclusive, reage às declarações do Sr. Ítalo Ferrigno, acusando o CCC de "ter matado e depredado na Rua Maria Antônia" em São Paulo, não tendo ocorrido nenhuma punição. (DIÁRIO DO PARANÁ: ÓRGÃO DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS (PR), 10/10/1968, p.3).

As declarações do então delegado Ítalo Ferrigno, evidenciam como a indústria do anticomunismo atuou como fator que legitimou e justificou os atos do CCC. Os atos do CCC, sempre violentos e extremos, eram justificados pelo fato de supostamente o grupo estar "defendendo a democracia".

Em 16 de outubro de 1968, o jornal Diário de Notícias (RS) traz as declarações do então General Ibá Ilha Moreira sobre o movimento estudantil. Para ele, movimento estudantil de esquerda "procura subverter a ordem", enquanto o movimento estudantil de direita só "revida", mais uma vez dando a entender que estes últimos estariam defendendo a democracia (DIÁRIO DE NOTÍCIAS (RS), 16/10/1968, p. 8).

Esta postura dos órgãos policiais não ocorria somente quando se tratava de ataque aos estudantes. Deputados, entre eles Mario Covas, criticavam a demora na instauração da Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar o atentado do CCC aos atores da peça Roda Viva (JORNAL DO BRASIL (RJ), 10/10/1968, p.21). O mesmo jornal, em 25 de outubro de 1968, com a reportagem "CCC metralha a residência de D. Hélder", mencionam que "Deputados da Arena e do MDB condenaram ontem na Assembleia Legislativa a atitude contemplativa do Governo ante os atos da minoria radical do CCC" (JORNAL DO BRASIL (RJ), 25/10/1968, p. 13).

O jornal Correio da Manhã (RJ) publicou, de julho a novembro de 1968, 5 reportagens em que mencionava a impunidade com relação aos atos do CCC⁴. No mesmo

⁴ CORREIO DA MANHÃ (RJ), 03/07/1968, p. 6; CORREIO DA MANHÃ (RJ), 04/07/1968, p. 6; CORREIO DA MANHÃ (RJ), 20/07/1978, p. 6; CORREIO DA MANHÃ (RJ), 04/10/1968, p.6; CORREIO DA MANHÃ (RJ), 14/11/1968, p. 8.

sentido, o jornal Diário de Pernambuco (PE) publicou três notícias⁵ denunciando a lentidão nas investigações dos atos praticados pelo Comando de Caça aos Comunistas.

O jornal Tribuna da Imprensa (RJ) destaca a ausência de punições ao CCC em uma reportagem veiculada em 21 de novembro de 1968, que evidencia, inclusive, o apoio de agentes de órgãos públicos na atividades do grupo, ao noticiar que dezenas de carteiras destinadas a credenciar elementos estranhos ao Serviço Público como colaboradores do DOPS foram vendidas por agentes do órgão e que algumas delas teriam sido destinadas a integrantes do MAC e do CCC, que foram usadas para que eles pudessem agir, armados, na repressão ao movimento estudantil (TRIBUNA DA IMPRENSA (RJ), 21/11/1968, p. 6).

Considerações Finais

Pode-se dizer, portanto, que a atuação do Comando de Caça aos Comunistas durante o ano de 1968, além de conservadora, não se limitava somente a apoiar ou não as políticas do regime militar, mas, sobretudo, tinha como objetivo se opor à expressão do livre pensamento nas instituições de ensino e culturais, em primeiro lugar contra os seus pares etários de “esquerda”, pensando a pauta anticomunista, ampliando o seu quadro de ação da universidade para a sociedade em geral. Atuando de forma violenta e atacando os estudantes, instituições de ensino, instituições culturais e demais setores da sociedade e declarando-se como defensores da democracia atuando contra o “perigo vermelho”, contaram com a impunidade para executar seus atos, o que se evidencia nas declarações de agentes públicos e até mesmo na lentidão da instauração e conclusão dos inquéritos que apurassem seus atos, ressaltando-se, inclusive, que em 1968, considerando o quanto noticiado nos jornais, não houve nenhuma punição ao grupo.

Referências Bibliográficas

⁵ DIÁRIO DE PERNAMBUCO (PE), 10/10/1968, p.2; DIÁRIO DE PERNAMBUCO (PE), 19/10/1968, p. 15; DIÁRIO DE PERNAMBUCO (PE), 24/10/1968, p.3.

BITTAR, Marisa, BITTAR, Mariluce. *Os movimentos estudantis na História da Educação e a luta pela democratização da universidade brasileira*. EccoS Revista Científica, São Paulo, 143-159, 2014.

BRAGHINI, Katya Zuquim. A “vanguarda brasileira”: a juventude no discurso da revista *Editora do Brasil s/a (1961-1980)*. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade). Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo, 2010.

BRAGHINI, Katya Zuquim; CAMESKI, Andrezza Silva. "Estudantes democráticos": a atuação do movimento estudantil de "direita" nos anos 1960. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 36, n. 133, 945-962, 2015.

BRASIL, Clarissa. *O Brado de Alerta para o Despertar das Consciências: uma análise sobre o Comando de Caça aos Comunistas no Brasil, 1968-1981*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2010.

DECKES, Flávio. *Radiografia do Terrorismo no Brasil: 1966-1980*. São Paulo: Ícone, 1985

FICO, Carlos. *Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo , v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004.

LOPES, Gustavo Esteves. *"Ensaio de terrorismo": História oral do comando de caça aos comunistas.* Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MATTOS, André Luiz Rodrigues de Rossi. *A UNE como instrumento de subversão: a Frente da Juventude Democrática contra a esquerda estudantil durante a greve universitária de 1962*. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, 119-130, 2012.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese (Doutorado em História Econômica) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

RIDENTI, Marcelo. *O Fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo: Unesp, 1993.

SANFELICE, José Luis. *A UNE e a Ditadura Civil-Militar de 1964*. In: GROppo, L. A.; ZAIDAN-FILHO, M.; MACHADO, O. L. (Orgs.). *Juventude e Movimento estudantil: ontem e hoje*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.

SANFELICE, José Luis. *Movimento estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 64*. Campinas, SP: Alínea, 2008.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo (org.). *Maria Antônia: Uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.

SOUZA, Percival de. *Autópsia do Medo: Vida e Morte do Delegado Sérgio Paranhos Fleury*. São Paulo: Globo, 2000.

Fontes

Artistas querem processar Abreu Sodré pela agressão ao elenco de Roda Viva. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 00087, p. 18, 20 jul 1968.

Até quando? *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 23156, p. 6, 04 out 1968.

Briga de estudantes fere 4 em São Paulo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 151, p. 16, 3 out 1968.

Cassação. *Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados*, Paraná, ano 1968, nº 3975, p.3, 10 out 1968.

Católica em nota oficial lamenta polícia não prenda terroristas. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, ano 1968, nº 248, p. 3, 24 out 1968.

CCC ameaça sublevar todo o País contra ação dos comunistas. *Jornal do Commercio*, Amazonas, ano 1968, nº 19935, p. 1, 22 out 1968.

CCC faz manifesto convidando à luta. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 14085, p. 2, 19 out 1968.

CCC inicia ameaça contra estudantes. *Diário da Tarde*, Paraná, ano 1968, nº 21481, p. 6, 08 nov 1968.

CCC metralha a residência de D. Hélder, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 17, p. 13, 25 out 1968.

CCC paulista rapta a bela Norma Benguel, *Correio Braziliense*, Distrito Federal, ano 1968, nº 2704, p. 1, 9 out 1968.

Continua a Guerra Psicológica. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, ano 1968, nº 244, p. 15, 19 out 1968.

CPI e Reforma. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, ano 1968, nº 236, p. 2, 10 out 1968.

Denúncia de trama. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 9, p. 2, 10 out 1968.

DOPS acha mais perigosa a desordem dos esquerdistas do que caça aos comunistas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 155, p. 18, 8 out 1968.

Elenco do "Roda Viva" apanha de cassetete, *Diário de Notícias*, Rio Grande do Sul, Ano 1968, nº 00185, p. 1, 5 out 1968.

Explicações e acusações do General. *Diário de Notícias*, Rio Grande do Sul, ano 1968, nº 194, p. 8, 16 out 1968.

Insegurança. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 23077, p. 6, 04 jul 1968.

Invasão da Filosofia foi início do Comando de Caça aos Comunistas em Maceió. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 00167, p. 7, 22 out 1968.

MAC % CCC. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 5661, p. 6, 21 nov 1968.

Medicina da UFF decreta greve branca. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 12363, p. 11, 25 out 1968.

Novo grupo lutará contra o CCC. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 161, p. 7, 15 out 1968.

O exemplo da violência. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 23191, p. 8, 14 nov 1968.

Oitocentos paulistas não saem da trincheira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 154, p. 5, 6 out 1968.

Paulistas mantém escolas ocupadas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 66, p. 10, 26 jun 1968.

Prisões em SP dão em passeata. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 5670, p. 8, 10 set 1968.

Sete pernambucanos tentaram incendiar. *O Jornal*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 14441, p. 1, 24 out 1968.

Teatros não abriram em São Paulo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 157, p. 21, 10 out 1968.

Terrorismo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 23076, p. 6, 03 jul 1968.

Terroristas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 23091, p. 6, 20 jul 1968.

Universidade Católica reage aos terroristas. *O Poti*, Rio Grande do Norte, ano 1968, nº 1341, p.1, 27 out 1968.